

## Editorial

POLÍCIA  
CIDADÃ

Nas últimas eleições em Belo Horizonte, um dos discursos que mais prosperaram, entre diferentes candidatos, foi o da segurança. Vários deles afirmaram que a prefeitura deveria também enfrentar o problema da violência, defendendo que fariam isso armando mais efetivamente a Guarda Municipal.

Apurados os votos dos vereadores, alguns eleitos entre os mais votados demonstraram sua discordância com relação não à Guarda Municipal, mas à tendência, que vem crescendo, de ela ser cada vez mais militarizada, isto é, funcionar quase como uma linha auxiliar da Polícia Militar.

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) acaba de divulgar um estudo sobre a segurança na América Latina e no Caribe, no qual adverte que a melhor polícia não é a militarizada, mas a que trabalha com a cidadania para prevenir a violência, fazendo-o junto com as comunidades.

No Brasil, em especial, essas tentativas têm ficado no meio do caminho, por falta de apoio político ou devido a resistências internas. Na maior parte das vezes, os investimentos são feitos para aumentar o potencial do aparelho de repressão, por meio do equipamento das polícias e do aumento de seus efetivos.

A repressão não tem dado resultado. A cada ano, na América Latina e no Caribe, 135 mil pessoas morrem assassinadas. A taxa é quatro vezes maior do que a média mundial. Com esses números, as populações não confiam em suas polícias. Menos de 40% dos cidadãos confiam nelas. Na Europa, eles são 65%.

A credibilidade das polícias é fundamental para garantir índices satisfatórios de segurança na sociedade. Elas precisam mostrar que existem para proteger o cidadão. Devem, por isso, prestar contas de suas atividades, demonstrando que estão a serviço da comunidade na prevenção da violência social.

As políticas de segurança não terão sucesso enquanto as polícias não forem valorizadas por seus cidadãos.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Marina Medioli  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Milton Luiz (interino)  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO



www.dukechargista.com.br



**FÁTIMA OLIVEIRA**

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

## Saber ousar, à moda antiga ou moderna, exige arte e manha

Áurea Carolina entrou de cabeça erguida para a história de BH

**F**oi com arte e manha que a negra feminista Áurea Carolina, 32, cientista política e especialista em gênero e igualdade, em Belo Horizonte, pelo PSOL, e o negro Domingos Dutra, 60, advogado, nascido no Quilombo Saco das Almas (Brejo-MA), em Paço do Lumiar (MA), pelo PCdoB, foram vitoriosos nas eleições de 2016 e entraram de cabeça erguida para a história de suas cidades.

Ela, a vereadora mais votada da história de BH; e ele, o primeiro prefeito de esquerda de Paço do Lumiar, na ilha de São Luís, a quarta cidade mais antiga do Maranhão (22.5.1625) – pertenceu a São Luís e a São José de Ribamar. Virou município em 1959. Desde 1965 era dominada por apadrinhados do Futí (como ele chama Sarney): dois condenados por corrupção quando prefeitos, Bia Venâncio (2012) e Gilberto Arôso (2016), um dos adversários que Dutra derrotou!

O Tribunal de Justiça do Maranhão legalizou um ficha-suja candidato, que levou taca, taca, taca... O jogo foi bruto. Pense num Velho Oeste... É aqui!

São duas vitórias brilhantemente expressivas, considerando-se o que disse Mauro Lopes em “A Vitória dos Ricos”: “O resultado das eleições é desastroso para os pobres... Os ricos venceram...” (Outras Palavras, 4.10.2016).

No último dia 3, cedo, em meu e-mail, a filha Débora, de Porto Alegre: “Mãe, a minha amiga linda” e a matéria: “Pela primeira vez na história de Belo Horizonte, uma candidata a vereadora conquistou o apoio de mais de 17 mil pessoas nas urnas”. Era uma cara conhecida, mas eu não sabia de onde. Débora lembrou: “Ela foi lá em casa em

BH quando levei Inácio bebezinho com 4 meses. Você a conheceu. Ela ficou horas na rede com ele lá fora”.

Fucei o Google. Em seu Facebook: “Sou da selva e não tenho nada a temer. Há um par de anos, venho amadurecendo a ideia de me candidatar a um cargo eletivo, incentivada por companheiras com as quais construo importantes lutas e em resposta à necessidade de que mulheres como eu ocupem os espaços de poder”. No início de 2015, com várias pessoas, desenhou a iniciativa que originou as Muitas pela Cidade que Queremos BH,

**São duas vitórias, considerando-se o que disse Mauro Lopes: “O resultado das eleições é desastroso para os pobres... Os ricos venceram...”**

tentando ocupar as eleições com cidadania e ousadia, transbordar partidos e produzir ruídos nas instituições para que BH seja mais democrática e acolhedora”. Filiou-se ao PSOL em outubro de 2015 e estabeleceu uma plataforma colaborativa na web (www.muitas.org).

Domingos Dutra, no PCdoB desde setembro de 2015, petista histórico (1980-2013), presidiu o PT de São Luís e o do Maranhão, exerceu vários mandatos de deputado estadual e federal e foi vice-prefeito de Jackson Lago (1996).

Dutra fez os “Diálogos por Paço” (caminho vitorioso percorrido pelo governador Flávio Dino nos “Diálogos pelo Maranhão”) e uma campanha franciscana, de

rua em rua, a pé, de microfone em punho, sob o mote “Vamos juntos tirar Paço do Lumiar da escuridão”, e, durante a noite, a militância que o acompanhava portava tochas de fogo... Era difícil acompanhar aquela energia toda do Dutra.

Na primeira e única caminhada a que fui, passei dois dias deitada, sem poder andar! Decidi fazer o que fiz para Flávio Dino e Dilma (2014): visitar as mesmas 500 casas das imediações de onde moro e pedir o voto em Dutra, que andou mais de 200 km a pé, de microfone em punho; e não fez site nem perfil no Facebook, apenas um Twitter, que usou pouquíssimo!

Áurea e Dutra responderam com sucesso, à maneira de cada um, à pergunta de um militante ao governador maranhense: “Como vamos fazer campanha sem dinheiro?” Flávio Dino respondeu algo assim: “Ah, pois são dois que não sabem! Vai ter de ser assim. Vamos ter de aprender e vencer!”



DUKE